

OS ÍDOLOS DE THERACH E AS INQUIETAÇÕES DE ABRAÃO: UM BREVE ENSAIO SOBRE O DISCURSO ICONOCLASTA NO *APOCALIPSE DE ABRAÃO*

The idols of Terah and the concerns of Abraham: a brief essay on the iconoclastic discourse in Abraham's apocalypse

Gleudson Dejair de Oliveira*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5950747595649092>

 <https://doi.org/10.58882/cllq.v8i1.159>

INTRODUÇÃO

A Literatura Apocalíptica Judaica é significativamente rica em todo o seu conteúdo e discorre acerca de diversos assuntos que, dentre outras coisas, retrata as crenças e os valores religiosos de um povo e de uma cultura semelhantemente riquíssimos. Dentro deste vasto conteúdo se encontra o *Apocalipse de Abraão*, o qual na primeira parte de sua narrativa, que vai do capítulo 1-8, aborda a temática dos ídolos, apoiando-se, para tanto, sobre diversos episódios ocorridos entre os personagens Abraão e seu pai Therach¹ no contexto de suas práticas cúlticas. É provável que o escritor do pseudoepígrafo tenha escolhido o personagem Abraão justamente por sua postura apresentada nas Escrituras e reconhecida na tradição judaica como contrária às figuras idólatras da divindade.

Como se sabe, o Apocalipse de Abraão é uma obra judaica composta provavelmente nos primeiros séculos depois de Cristo que tem como contexto os primeiros anos da vida de Abraão. Nela, o patriarca assume uma postura inteiramente iconoclasta. Ele é retratado como um herói da fé atuando contra as práticas idólatras dos seus

* Graduado em Teologia pela FAEX (Faculdade Excelência); especialista em Teologia Bíblica pela FBC (Faculdade Batista do Cariri); graduando em Biblioteconomia (UFCA). E-mail: gleidmaster@hotmail.com.

¹ Parte das versões brasileiras utilizam a tradução "Terá" para o nome próprio aqui referido.

parentes mais próximos. Vale salientar que essa postura não é estranha a outros textos pseudoepígrafos, posto que no Livro dos Jubileus, na parte 11:16-12:14, Abraão também é retratado em forte oposição à idolatria.

Nota-se claramente em seu escopo que o Apocalipse de Abraão se apropria de um discurso iconoclasta fervoroso, demarcando as fronteiras entre o politeísmo, tipificado por meio dos ídolos, e o monoteísmo, tipificado através da figura do verdadeiro Deus. Com isso, percebe-se que o escritor pretendia destacar a sobreposição desta última sobre a primeira. Resta-nos, desta feita, identificarmos de que forma ele faz isso.

Dada a problemática, o presente trabalho se propõe a analisar, panoramicamente, de que forma o autor do Apocalipse de Abraão desenvolveu sua argumentação contra os ídolos na primeira parte do seu escrito e como isso contribuiu para o restante da obra como um todo.

1. A COMPOSIÇÃO FÍSICA DOS ÍDOLOS E O SEU MANUSEIO

O Apocalipse de Abraão inicia relatando os primeiros contatos e a indagação de Abraão para com os *deuses* de seu pai Therach e de seu avô Nachor², e sobre quem seria o Deus forte e verdadeiro. Poderíamos dizer que o verso 1:2 é o verso-chave para toda a narrativa que se estabelece posteriormente. Ainda neste verso, é possível perceber que Abraão pondera acerca de sua “sorte”, visto que estava a *modelar* os objetos que faziam parte do culto que seu pai realizava, os quais eram deuses feitos de madeira, pedra, ouro, prata, bronze e ferro. Consequentemente, é através de diversas experiências com tais ídolos que ele descobre tanto a fragilidade destes quanto a fragilidade de sua própria crença nas divindades por eles representadas. Desta forma, Abraão vê se abrir diante de si o caminho que o levará ao conhecimento do único Deus verdadeiro, a respeito de quem especulava.

É neste contexto que a composição dos objetos de culto se torna um aspecto importante para o desenvolvimento argumentativo utilizado pelo escritor do Apocalipse de Abraão, visto que através dele o escritor avulta a nobreza que distingue os ídolos por meio da nobreza dos materiais que os compõem.

Nota-se isto no verso 1:3 em que Abraão, ao chegar no templo, percebe “que o deus de pedra Merumat estava caído e jazia aos pés do deus de ferro Nachom. Nos versos 6:6-

² Parte das versões brasileiras utilizam a tradução “Naor” para o nome próprio aqui referido.

10 Abraão arrazoa com seu pai dizendo que os deuses de Therach são *menos dignos de veneração* do que os deuses de Haran. Para tanto, ele argumenta que Zucheus, deus de seu tio Haran, merece mais reverência do que Merumat, deus de Therach, porque aquele é feito de *ouro* enquanto este é feito de pedra. Ele acrescenta ainda que “Se ele [Zucheus] envelhecer pelos anos, poderá ser refundido”, mas “se Merumat se deteriorar, ou se quebrar, não poderá ser renovado; [pois] ele é feito de *pedra*”.

Por conta disso, os ídolos são descritos como pouco resistentes, visto que apresentam uma acentuada fragilidade, podendo ser facilmente danificados. No verso 1:7 quando Abraão tenta colocar o ídolo do deus Merumat, que havia caído, de volta no seu lugar, a sua cabeça se *desprende* do corpo e cai ao chão. Logo a frente no verso 1:12, depois de ter esculpido um “outro Merumat, de outra pedra, mas sem cabeça”, Therach faz “em *pedaços* o corpo do primitivo Merumat”. Mais adiante nos versos 2:5-6 é narrado um incidente com os ídolos que Abraão estava tentando vender a mando de seu pai em que um “asno levou um tremendo susto e saiu em disparada, jogando longe os deuses, e três deles *quebraram-se*, restando apenas dois inteiros”. Os três ídolos que se quebraram foram lançados por Abraão no rio Gur e de lá não puderam mais sair; ação esta que descreve a inutilidade de um ídolo após ter sido feito em pedaços (2:9). Em 5:9 é narrado o episódio em que o ídolo do deus Barisat cai no fogo e vagorosamente é consumido pelas chamas até não restar nada além de suas *cinzas*. Esses versos procuram fazer os leitores refletir sobre como os ídolos são constituídos de uma natureza incompatível com aquela dos deuses por eles representados.

Outro aspecto relevante do discurso contra os ídolos diz respeito ao *manuseio* deles. A começar pelo verso 1:7 em que é narrado o *esforço* de Abraão e Therach para *remover* o ídolo que havia caído e *recolocá-lo* no seu devido lugar. A narrativa prossegue e nos versos 1:11-12, após a cabeça de Merumat ter caído, Therach pede que Abraão vá em casa e lhe traga um cinzel para com ele *esculpir* um outro Merumat, e Abraão assim o faz. Depois disso, Therach ainda *fez* outros cinco deuses para que Abraão os vendesse; e ele os *carregou* sobre o jumento (2:1-2). Destes, três foram feitos em cacos e foram *lançados* por Abraão no rio (2:9). Adiantando-se um pouco mais na narrativa, Therach manda que Abraão recolha as sobras de madeira que utilizou para *talhar* deuses de pinho (5:3). Depois de revirar os cavaços de madeira, Abraão encontrou perdido entre os gravetos o pequeno ídolo do deus Barisat, o qual acidentalmente foi consumido pelo fogo e serviu de lenha para preparar a comida de Therach. Grato pelo feito de Barisat, Therach se propõe a *confeccionar* mais um ídolo do deus Barisat para lhe preparar no dia seguinte o seu almoço.

Diante de alguns destes episódios, Abraão começa a entender que o comportamento de Therach o caracterizava mais como uma espécie de deus para os seus ídolos do que aqueles que ele cultuava como tais: “pois eles são formados pelos seus cinzéis e tornos, produtos da sua arte”, e não passam de obra grosseira das suas mãos (3:3). Além disso, os ídolos que deveriam dispensar suas bênçãos a Therach é que são abençoados por ele, posto que este é que os havia criado (4:3). Abraão também se questiona sobre que ajuda os ídolos eram capazes de prestar. Ele diz: “como pode enfim um artefato de meu pai, uma imagem feita por sua mão, prestar-lhe ajuda?” (6:2). Com isso, ele deixa claro que os ídolos eram completamente nulos em seu agir e, por conseguinte, dependiam essencialmente do cuidado dos seus adoradores. Deste modo, o escritor do Apocalipse de Abraão considera que comparado aos ídolos, os homens são bem mais “poderosos” do que as divindades representadas por eles.

2. O USO DA IRONIA E DA ZOMBARIA NA ARGUMENTAÇÃO

Com o desenrolar da narrativa é possível perceber uma crescente rejeição de Abraão pelos ídolos de seu pai. Ela pode ser observada através da linguagem empregada por Abraão para se reportar a eles. Para tanto, o escritor do Apocalipse de Abraão reservou todo o capítulo 5 com o propósito de zombar dos ídolos através do episódio com o ídolo do deus Barisat. Nesta ocasião, é dito que o pequeno ídolo foi deixado perto do fogo recém aceso com a seguinte ordem de Abraão: “Fica atento, Barisat, para que o fogo não se apague [...]. Se ele se extinguir, sopra-o, para que de novo arda!” (5:7). O que aconteceu é que ao se distanciar e voltar depois de um certo tempo, Abraão o encontrou caído de costas com os pés dentro do fogo, os quais ficaram completamente queimados. Ao ver isso, Abraão *desatou a rir* e, falando consigo mesmo, disse: “Sim, Barisat, podes tranquilamente alimentar o fogo e cozer o alimento” (5:9-10).

Esse episódio é bem emblemático devido o fato de que enquanto o ídolo citado no Apocalipse de Abraão teve os pés consumidos pelo fogo, a divindade bíblica aparece em teofanias com chamas, mas sem ser consumido por elas (Êx 3:3; Ez 1:27; 8:2; Ap 1:14-15). Como se observa, o fogo é um elemento importante em ambas as narrativas, pois serve de prova para atestar ou não a revelação da divindade. Desse modo, um corpo que se destrói por meio dele não é digo de adoração, senão unicamente de chacota e desdém. O *Apocalipse de Abraão* atesta esse fato colocando os ídolos numa posição desonrosa em relação ao recipiente que contém a divindade. Sendo de madeira, o ídolo não foi capaz de resistir às

chamas do fogo, diferentemente, por exemplo, da divindade bíblica, de sorte que o caráter divino do ídolo do deus Barisat foi rejeitado.

Seguindo a narrativa do episódio em questão, depois do alimento ser preparado e levado a seu pai, Abraão vê Therach louvando ao deus Merumat e pede que ele louve muito mais ao deus Barisat, visto que este havia se *atirado ao fogo* para lhe preparar o almoço, provando assim o seu amor por Therach. Em resposta, Therach, afirma que “grande é o poder de Barisat” e que naquele mesmo dia ele iria fabricar um outro ídolo do deus Barisat para que no dia seguinte ele lhe preparasse novamente o seu almoço (5:14, 17). Nesse ponto, a narrativa se vale do ridículo para mostrar a nulidade dos ídolos e como seus adoradores também se identificam com eles no mesmo quesito. Além do recurso do ridículo, o texto também se vale do absurdo, a partir da resposta de Therach ao dizer que no mesmo dia faria um outro ídolo do deus Barisat para que ele lhe prepare o almoço no dia seguinte. Estes recursos estilísticos acentuam a crítica feita aos ídolos pelo Apocalipse de Abraão.

Abraão riu-se em seu íntimo achando a atitude de seu pai um tanto *irracional* e digna de grande indignação (6:1-3). Para Abraão não fazia o menor sentido que seu pai agisse daquela maneira, visto que estava clara a nulidade de tais ídolos. Abraão entendia ainda que o louvor direcionado à divindade deveria ser racionalmente *coerente* (6:5). Para tanto, em todo o capítulo 6 ele demonstra por meio de fatos que a adoração aos ídolos por parte de seu pai era completamente sem sentido, considerando que havia distinção de dignidade e nobreza entre eles (6:6-8), ao passo que os tais também poderiam facilmente ser corrompidos (6:10-11).

Como se observa, a narrativa associa a adoração insensata com a nulidade dos ídolos, mostrando que ela não condiz com a verdadeira adoração desenvolvida posteriormente no Apocalipse de Abraão. O argumento, portanto, repousa sobre a ideia de que a crença precisa ter seu sentido estabelecido na racionalidade e na coerência, para que a relação entre adorador e divindade seja, realmente, passível de confiança e não de zombaria.

Percebe-se, portanto que Abraão faz uso da ironia e da zombaria para argumentar acerca da incoerência e irracionalidade que é prestar adoração aos deuses fabricados por mãos humanas. De maneira jocosa o escritor do Apocalipse de Abraão tenciona apresentar o ídólatra como alguém *irracional* e *toló*, a exemplo do personagem Therach (6:3).

3. A REVELAÇÃO DO ÚNICO DEUS VERDADEIRO

Na parte final de sua conversa com Therach, a qual ocorre no capítulo 7, Abraão chega à conclusão de que comparados às forças elementares presentes na natureza, os ídolos eram completamente indignos de *veneração*, visto que tais elementos lhes sobrepujavam em dignidade e poder, ainda que mesmo entre eles houvesse sujeição.

Ele demonstra tal sujeição em escala que parte do menor para o maior. A começar pelo fogo que destrói os ídolos feitos de materiais perecíveis (7:1); em segundo lugar, a água que vence o fogo e mata a sede da terra (7:2); em terceiro lugar, a terra para a qual a água se inclina (7:3-4); em quarto lugar, o sol que resseca a terra e ilumina o universo, bem como as edificações humanas que são construídas com ela (7:5-6); em quinto lugar, a noite a as nuvens que obscurecem os raios do sol (7:7); e, por fim, a lua e as estrelas que perdem sua claridade para o curso da noite (7:8). Nota-se, portanto, que na escala de dignidade e poder, os ídolos são dispostos como os mais inferiores dentre todos eles. Deus, no entanto, é descrito posteriormente como aquele que é superior a todo o resto (9:3-4).

Uma vez constatada esta verdade, Abraão apela para aquele a quem julga ser o Deus criador de todas as coisas. E ele o faz através de uma série de perguntas retóricas. O patriarca aponta para Deus como aquele que está no ponto mais elevado da escala de dignidade e poder. Além disso, ele também atribui a Deus o esclarecimento quanto a falsidade e engano dos ídolos. É desta forma que chegam ao fim todas as inquietações de Abraão, e ele finalmente estava apto para conhecer apropriadamente a *revelação* do próprio Deus (7:9-12).

A partir do capítulo 8 é narrada a revelação divina para Abraão, onde é dito que a voz de Deus subitamente aparece “em meio a um turbilhão de fogo” chamando por Abraão, e este prontamente lhe atende (8:1-2). Nos versos seguintes, com base nas palavras de Deus, duas verdades aparecem implícitas. A primeira delas é que o *abandono* da idolatria é o que permite alguém chegar ao conhecimento do único Deus Criador. E a segunda é que o fim daqueles que permanecem na idolatria é a completa *destruição* (8:3-5).

Com isto, nota-se claramente que o escritor do Apocalipse de Abraão tencionava avultar a sobreposição do único Deus verdadeiro, Criador de todas as coisas, sobre os ídolos falsos, criados por mãos humanas; e mais diretamente a sobreposição do monoteísmo sobre o politeísmo. Tanto é fato que deste momento da narrativa em diante nada mais a respeito dos ídolos é mencionado, visto que a revelação de Deus os suplanta por completo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde se perceber, a partir do estudo panorâmico da primeira parte da narrativa do Apocalipse de Abraão, o escritor desta obra procurou fomentar sua completa rejeição aos ídolos partindo do princípio de que eles são constituídos de uma fragilidade que os coloca em um patamar inferior até mesmo aos seus próprios adoradores. Além disso, o escritor usa de linguagem irônica e zombeteira para mostrar que a adoração aos ídolos é uma atitude irracional e tola, a qual impossibilita os homens chegarem ao conhecimento apropriado acerca do Deus verdadeiro. Tudo isso, por sua vez, contribui significativamente para o restante da obra, posto que os ídolos são deixados completamente de lado a fim de que a revelação do Deus verdadeiro finalmente se faça presente com total proeminência.

OS ÍDOLOS DE THERACH E AS INQUIETAÇÕES DE ABRAÃO:
UM BREVE ENSAIO SOBRE O DISCURSO ICONOCLASTA NO APOCALIPSE DE ABRAÃO

Gleudson Dejair de Oliveira

REFERÊNCIA

PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Eliana Oliveira de (orgs.). **Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia**. vol. 1. São Paulo: Novo Século, 2004.